

MODOS DE EXISTÊNCIA EM F. SCHILLER E S. KIERKEGAARD

RAFAEL LIMA DOS SANTOS (Bacharel em Letras Português/Alemão – UFRJ)

**“Quando surge a luz no homem,
deixa de haver noite fora dele”...**

(SCHILLER)

**“Quem tiver aprendido que não há nada mais medonho que existir como
indivíduo, não hesitará em dizer que isso é grandioso”.**

(KIERKEGAARD)

Considerações iniciais

A presente monografia tem por objetivo traçar elementos de comparação (igualdades e diferenças) entre aspectos específicos das “filosofias” de Schiller e Kierkegaard. Trata-se, portanto, de um estudo dirigido.

Em Schiller, faço uso de A educação estética do homem. Em Kierkegaard, da leitura de O diário de um sedutor, Temor e tremor, O desespero humano – doença até a morte e de anotações sobre O conceito de angústia. Pretendo, a partir dessas leituras – além da de outros textos críticos de caráter periférico –, abordar como esses dois pensadores trataram dos estágios de evolução das fases de existência do homem / da humanidade.

É evidente que não pretendo investigar a fundo esses elementos. Primeiro porque não é essa a proposta do trabalho – e, confesso, faltaria capacidade para fazê-lo. Segundo porque, no que diz respeito ao pensador alemão, quase tudo que poderia ser escrito sobre seu sistema já foi feito – o que faria com que questões do tipo “Por que Schiller escreveu essas Cartas”, “Qual sua finalidade”, “Que plano metodológico seu autor segue” etc. se tornassem, para mim, praticamente irrelevantes, mesmo desnecessárias: tais considerações já foram e vêm sendo muito bem estudadas e respondidas; quanto ao dinamarquês, a situação é bem outra: há muito pouca coisa publicada em língua portuguesa tanto no que se refere aos textos críticos quanto às suas obras mesmo. Poucos falaram criteriosa e criticamente sobre sua (vasta) produção como um todo; o material praticamente todo de que dispus foi encontrado na Internet; desconheço, ainda, um livro que esteja à altura de, por exemplo, O fragmento e a síntese – o que me leva a crer que, embora já venha muito discretamente chamando a atenção de filósofos, estudiosos da psique humana e críticos literários, Sören Kierkegaard ainda está por ser descoberto.

O procedimento da monografia é simples. Primeiro me detenho em Schiller para depois trabalhar Kierkegaard na sucessão de temáticas – seguindo a ordem de nascimento dos pensadores. No final das temáticas expostas, os elementos de

comparação, levando em conta o que possivelmente os unem, possivelmente o que os diferenciam.

Antes, porém, de passar ao corpo do trabalho propriamente dito, algumas observações de caráter introdutório acerca dos dois são necessárias – não pretendendo traçar apontamentos de natureza biográfica, histórico-política ou ideológica.

Primeira: é sabido que, em Schiller, os estados *ético* e *estético* se confundem quase sempre em seu sistema – que é, por vezes, contraditório e repleto de ambigüidades, segundo especialistas. Mesmo porque “O âmbito moral permeia toda a discussão proposta na obra A educação estética do homem (ANTHONIO E SILVA, p. 165 (nota)). Por esse motivo, adotarei, no que diz respeito às etapas de existência, o livre conceito por mim adotado *estético-estético* e *estético-ético*, no intuito de estabelecer uma diferenciação puramente metodológica. Ao contrário do que ocorre com o alemão, Kierkegaard não tem um capítulo onde defenda o conceito de seus estágios¹, ele o faz ao longo de sua obra como um todo.

Segunda: Schiller se propõe claramente estabelecer um sistema: “Quanto aos meus trabalhos, sinto-me extraordinariamente satisfeito. Meu sistema está-se aproximando de uma consistência interna, que lhe asseguram solidez e durabilidade”. (SCHWARZ & SUZUKI, p. 153)

Kierkegaard abolia qualquer conceito de sistema porque a realidade da existência humana não caberia em qualquer um que fosse, por mais pretensamente completo que quisesse ser: “O presente autor de nenhum modo é um filósofo. Não compreendeu nenhum sistema da filosofia se é que algum existe ou esteja concluso”. (Temor e tremor, p. 252)

Terceiro: tanto Schiller quanto Kierkegaard têm em comum dois fatos que, de pronto, os unem. Ambos foram testemunhas de acontecimentos históricos significativos que “nasceram” na França – e parte significativa de seus escritos se deu então: Schiller e a Revolução Francesa, Kierkegaard e as incursões napoleônicas de caráter imperialista na Dinamarca. Some-se a esses elementos histórico-sociais um outro de natureza ideológico-filosófica: tanto A educação estética do homem quanto as obras kierkegaardianas acima mencionadas foram frutos de insatisfação com relação a sistemas filosóficos precedentes. Schiller, insatisfeito com o posicionamento kantiano quanto à Arte – para quem “a construção estética se faz na subjetividade” (ANTHONIO E SILVA, p. XVI) -, quis “completar” sua doutrina estabelecendo para a mesma uma objetivação do gosto. Kierkegaard, e esse foi mais longe, opondo-se a todo sistema hegeliano de absolutização da existência para quem o real pode ser perfeitamente racionalizável, pondera que o devir humano não pode ser sistematizado racionalmente porque um processo (Como racionalizar a subjetividade?) – quanto a isso, pode-se dizer que o *projeto* kierkegaardiano se opunha não só a Hegel, mas a toda tradição filosófica ocidental de então. Não é à toa que muitos vêm no dinamarquês a figura de pai do existencialismo.

¹ Embora haja, evidentemente sem tradução para a língua portuguesa, duas obras no decorrer das quais dedica cada seção para o desenvolvimento teórico de um estágio específico: Três discursos sobre ocasiões imaginárias, de 1845 e Estágios no caminho da vida: estudos por várias pessoas compilado, encaminhado à imprensa e publicado por Hilarious Bookbinder, também do mesmo ano - sendo este, Hilarious Bookbinder, um dos muitos pseudônimos de Kierkegaard.

Outro aspecto em comum é o fato de que a proposta (será perigoso usar palavras como “Sistema” e “Filosofia”...) dos dois pensadores pressupõe um caminho progressivo a ser trilhado pelo indivíduo / pela humanidade. Ainda que com metas e conseqüências finais antagônicas: em Schiller, temos um caminho que tem início no sujeito e segue em direção à humanidade; em Kierkegaard, o sujeito sai de sua realidade totalizante e só se realiza plenamente como eu para si no ápice da subjetividade: a solidão.

Friedrich Schiller e o estado físico

“Podem-se distinguir três momentos ou estágios de desenvolvimento que tanto o homem isolado quanto a espécie têm de percorrer necessariamente e numa determinada ordem, caso devam preencher todo o círculo de sua destinação. Embora os períodos isolados possam ser prolongados ou abreviados por causas acidentais, encontradas na influência dos objetos exteriores ou no livre-arbítrio humano, eles não podem ser saltados, assim como a ordem de sua sucessão não pode ser invertida pela natureza ou pela vontade. No estado *físico* o homem apenas sofre o poder da natureza, liberta-se deste poder no estado *estético*, e o domina no estado *moral*.” (Carta XXIV)

Igualmente digna de citação a nota explicativa do próprio autor na Carta XXV:

“Não se deve imaginar, também, um tempo em que o homem se encontrasse apenas nesse estado físico, e outro em que dele se libertasse completamente. Tão logo o homem *vê um objeto*, não está mais no estado puramente físico; e enquanto continuar vendo um objeto, não escapará ao estado físico já que só pode ver à medida que sente. Considerados em conjunto, os três momentos que apresentei no início da Carta XXIV são três épocas diversas para o desenvolvimento de toda a humanidade e para o desenvolvimento do homem isolado; mas são distinguíveis também em cada percepção isolada de um objeto; são, numa palavra, as condições necessárias de todo conhecimento que alcançamos pelos sentidos”.

Nesse estado:

- o mundo inexistente enquanto ambiente dotado de significação para o homem;
- o homem “se encontra na série dos seres: só e isolado”, limitado pela própria subjetividade;
- o homem vive o instante e “sofre” a ação da natureza – sua vontade é subjugada;
- “sua relação [do homem] com o mundo sensível é de *contato* imediato”;
- o homem liberta-se de sua individualidade pela *reflexão* mediatizada pela cultura;
- trata-se de um estado Ideal, pois não afeta o homem / a humanidade como um todo:

“Sem dúvida, este estado de crua natureza não pode ser verificado, tal como o descrevemos aqui, em nenhum povo ou

época determinados; é apenas Idéia, mas uma Idéia com a qual, em seus traços isolados, a experiência coincide com a maior exatidão. *O homem, pode-se dizer, nunca esteve de todo nesse estágio animal*, mas também nunca lhe escapou por completa”. (grifo meu)

- é nesse estado o lugar da religião, ainda que como tentativa:
“Como para explicar fenômenos naturais isolados ele ultrapassa a *natureza* e procura fora dela o que somente pode ser encontrado em sua legitimidade interna, assim ele também ultrapassa a *razão* para explicar o ético, perdendo sua humanidade nesta procura de uma divindade”.

Sören Kierkegaard e o *estágio estético*

“Já não me reconheço. Frente às tempestades da paixão o meu espírito é como um mar enraivecido. Se alguém pudesse surpreender a minha alma em tal situação, julgaria ver uma barca mergulhando a pique no mar, como se, na sua terrível precipitação, a sua rota marcasse o fundo do abismo. Não veria que, no cimo do mastro, vigia um marinheiro. Forças frenéticas, erguei-vos, ponde-vos em movimento; ó potências da paixão, ainda que o choque das vossas vagas conseguisse lançar a espuma até as nuvens, mesmo assim não seríeis capazes de vos erguer acima da minha cabeça; mantenho-me tranqüilo como o Rei das falésias.

Quase não consigo firmar os pés; como ave marinha tento em vão mergulhar no mar tempestuoso de meu espírito. E, no entanto, tal tempestade é o meu elemento, nela edifico como *Alcedo ispida*² constrói o seu ninho sobre o mar”. (Diário de um sedutor, p. 161)

Vejamos as considerações pontuais:

- reconhecimento desse estágio como uma etapa:
“É por isso que todas as minhas aventuras de amor têm sempre uma realidade para mim próprio, constituem um elemento de vida, *um período de formação* de que estou bem seguro”... (p. 177-8; grifo meu)
- o indivíduo vive o instante – e vive para gozá-lo:
“Pessoalmente não procuro histórias – verdade se diga, não encontrei poucas –, *procuro o imediato*”. (p. 203; grifo meu)
- não completa o indivíduo porque este vive para o mundo, mundo esse que é instável por natureza - o que pressupõe uma existência de instabilidade;
- contrariando a etapa ética posterior, o sujeito estético não se prende às convenções sociais de hombridade:

² Espécie de ave marinha.

“Amo Cordélia? Sim! Sinceramente? Sim! Felizmente? Sim! – no sentido estético, e também isso tem um importante significado. De que serviria a esta jovem cair nas mãos de um desajeitado marido fiel? [a instituição matrimonial é a mais emblemática do estágio ético, no sentido de norma de conduta a ser seguida] Que teria feito dela um tal marido? Nada. Diz-se que, para triunfar na vida, é necessário algo mais que a honestidade; e eu diria que é necessário algo mais que a honestidade para amar uma jovem como esta. E eu possuo esse algo mais – é a falsidade”. (p. 205)

- apego à realidade exterior caracterizado pelo **desejo** na busca do prazer (material, sentimental...);
- segundo Kierkegaard, este é o estágio fundamental e básico da humanidade onde está a maioria dos homens:

“Porque, na verdade, o mundo exterior rege-se pela lei da imperfeição, nele se vê, constantemente, o ocioso obter também o seu alimento e o preguiçoso possuí-lo ainda em muito maior abundância do que o diligente trabalhador. (...) Temerária doutrina pretende introduzir no reino do espírito esta mesma lei de indiferença sob o peso da qual geme o mundo exterior. (...) Gerações sem número souberam de cor, palavra por palavra, a história de Abraão; mas quantos tiveram insônias por sua causa?” (Temor e tremor, p. 265)

Pelo que foi exposto (bem pouco de cada um, é verdade), podemos estabelecer as comparações entre o pensamento de Schiller e Kierkegaard, no que diz respeito a essa etapa de existência.

Em primeiro lugar, parece que ambos concordam na “exigência” de um caminho a ser trilhado – e um caminho sem atalhos, já que as etapas, ainda que Schiller tenha admitido que coexistam entre eles, não podem ser “puladas” simplesmente. Acreditam na evolução dos passos que o indivíduo / a humanidade por motivação pessoal. Para Schiller, a ruptura do estado de “natureza crua” se dá com o concurso da razão pela reflexão:

“Nesta limitação obtusa ele vagueia por uma vida escura como a noite, até que uma natureza favorável lhe arranque a carga material de seus sentidos turvados, até que, *ele próprio* se distinga das coisas, e os objetos finalmente se mostrem no reflexo da consciência” (p. 124).;

em Kierkegaard, pela angústia da instabilidade e vazio interior do viver estético. Ambos os pensadores, portanto, acreditam no arbítrio da vontade como fator de libertação e progresso.

Em segundo lugar, vemos claramente que há uma diferença de postura quanto ao lugar do sujeito nessa primeira etapa. Ao contrário do dinamarquês (para quem esse estágio abarca a grande maioria dos homens), para o alemão jamais a humanidade esteve em peso nessa etapa: “O homem, pode-se dizer, nunca esteve de todo nesse

estágio animal, mas também nunca lhe escapou por completo”. (idem) Decorre daí mais uma diferença significativa, já que, enquanto para Kierkegaard o modo estético é real e operante na existência dos “filisteus”, para Schiller o estado físico “é apenas Idéia, mas uma Idéia com a qual, em seus traços isolados, a experiência coincide com a maior exatidão”. (idem)

Em terceiro lugar, tanto um quanto o outro vêem no **desejo** o elemento mais emblemático dessa etapa. Schiller: “Atira-se aos objetos e quer incorporá-los com desejo, ou tenta repeli-los, apavorado, já que para ele avançam destruidores”. (idem) Kierkegaard: “Poderia eu ter ciúmes de Cordélia? Morte e danação sim! Embora, em outro sentido, não! Pois que – mesmo vencedor na minha luta contra um outro – se verificasse ter havido perturbação na sua natureza, não ser ela já o que desejo – renunciar-lhe-ia”. (p. 226)

Em quarto, de se notar que, se para Schiller a beleza tem a função de enobrecimento do caráter humano (e é justamente isso que defende em toda A educação estética do homem), para Kierkegaard a beleza, por si, não é mais que puramente contemplação, estando ela fortemente atrelada a uma postura erótica e, portanto, em última instância, à feminilidade:

“A mulher, eternamente rica de dons naturais, é uma fonte inesgotável para os meus pensamentos, para as minhas observações. Aquele que não sente a necessidade deste gênero de estudos poderá orgulhar-se de ser, neste mundo, tudo o que quiser, à exceção de uma coisa: não é um esteta. O esplendor, o divino da estética reside precisamente em se ligar apenas ao que é belo; no seu âmago, ela apenas se ocupa das belas-artes e do belo sexo. (...) A minha alma alegra-se então, o meu coração bate mais rápido e a paixão incendeia-se”. (p. 235-6)

Schiller e o estado (*estético*-)*estético*

Como já foi dito, não há para Schiller uma delimitação concreta a partir daqui: ética e estética se confundem ou, antes, mutuamente se complementam. Em linhas gerais, as características:

- é, antes de qualquer coisa, o lugar de ação da beleza – cuja “grande tarefa” é “impregnar no finito toda a infinitude de que o homem é capaz de experimentar, tanto pela razão quanto pelo estado de sentir” (ANTHONIO E SILVA, p. 180);
- é o estado da contemplação “desapaixonada” (no sentido de liberdade das amarras dos impulsos instintivos do desejo da “natureza crua”): “Somente quando, em estado estético, ele o coloca fora de si ou *o contempla*, sua personalidade se descola dele, e um mundo lhe aparece porque deixou de ser uno com ele”. (p. 129);
- lugar da “vitória do pensamento” diante das vicissitudes da “natureza crua”: “Escrevo da natureza quando apenas a sente, o homem torna-se o seu legislador quando a pensa”. (idem);
- espaço para a forma em detrimento da força (...“o homem é superior aos terrores da natureza tão logo saiba dar-lhes forma e transformá-los em seu objeto”...(idem)) – e isso por intermédio da beleza, quando a mesma “é,

simultaneamente, nosso estado e nossa ação”, promovendo, e *somente* ela, liberdade moral.

Kierkegaard e o estágio ético

Insatisfeito com o vazio existencial promovido pelo comportamento estético, o homem passa a procurar significação para a sua existência. Adentra, movido por desespero (Kierkegaard é o filósofo do desespero) no campo das escolhas, das possibilidades. Ao contrário do que acontece com os modos estético e religioso, o pensador caracteriza muito sucintamente o modo ético:

- é a esfera da fundamentação do bem e do mal, portanto, da ética social, das universais regras do dever;
- o homem se vê enredado em um mundo de idéias prontas e acabadas, sobre as quais não pode (nem deve!, segundo a sociedade) agir: o eu é tolhido em detrimento do que é universal;
- etapa das escolhas frente às possibilidades da existência. Dentre essas escolhas, a maior delas: viver objetivamente (o cotidiano da vida em família e sociedade com suas obrigações, normas pré-estabelecidas e deveres, agindo o indivíduo como agiram antes dele e como esperam que ele igualmente aja) ou viver para si, subjetivamente (reconhecimento de que o ser humano é irremediavelmente inacessível para qualquer outro ser humano: “cada homem é um estranho no mundo”. Pela impossibilidade de plena ligação *eu X outro*, nasce também o desespero. É preciso, então, que se efetue o “salto da fé” para galgar o estágio religioso). Observemos como Kierkegaard expõe tal conflito entre o que ele chamou de “herói trágico” (o homem puramente ético) e “cavaleiro da fé” (o homem ético em desespero):

“O herói trágico renuncia a si mesmo para exprimir o geral; o cavaleiro da fé renuncia ao geral para se converter em Indivíduo. Já o disse, tudo depende da atitude que se adote. Se supomos ser relativamente fácil ser Indivíduo, pode-se estar seguro de que não se é cavaleiro da fé: porque os pássaros em liberdade e os gênios vagabundos não são os homens da fé. Pelo contrário, o cavaleiro da fé sabe que é magnífico pertencer ao geral e que, por assim dizer, dá de si próprio uma edição apurada, elegante, o mais possível correta, compreensível a todos; sabe quanto é reconfortante tornar-se compreensível a si próprio no geral, de forma a compreender este, e que todo o Indivíduo que compreenda a ele compreende o geral, ambos usufruindo da alegria que a segurança do geral justifica. Sabe quanto é belo ter nascido como Indivíduo que tem no geral a sua pátria, a sua acolhedora casa, sempre pronta a recebê-lo todas as vezes que lá queira viver. Mas sabe, ao mesmo tempo, que acima desse domínio serpenteia um caminho solitário, estreito e escarpado; sabe quanto é terrível ter nascido isolado, fora do geral, caminhar sem encontrar um único companheiro de viagem. Sabe perfeitamente onde se encontra e como se comporta em relação aos homens. Para eles, é louco e não pode ser compreendido por ninguém. E no entanto, louco é o menos que se pode dizer. (Temor e tremor, p. 297)

Não há muito que ser dito – quando se tem em mente que não se quer pormenorizar demais. Senão que, para Schiller e Kierkegaard, tal estado (estético para aquele, ético para este) é como que uma passagem para o exercício daquilo que possa vir a ser o máximo de plenitude da existência humana / da humanidade: o estado moral / religioso.

É conveniente salientar, como já feito acima, que, em se tratando das metas a serem alcançadas, a diferenciação se faz clara: o sistema schilleriano parte do indivíduo e segue em direção à realização plena na humanidade: é universalizante. Já o “sistema” kierkegaardiano parte do sujeito imiscuído no geral a caminho da solidão necessária para se realizar: é puramente subjetivo – embora, por outro aspecto, possa ser considerado universal no sentido de que a condição de eu-para-si é peculiar a todos os homens, quer notem ou optem por simplesmente ignorar.

Em comum, o fato de que tal modo de existência é caracterizado por *significação*. Significação para o homem físico que, pelo exercício da reflexão, encara agora o mundo circundante como objeto (Schiller). Significação como esfera de ação *bem X mal*, já que, então, o homem se percebe parte de seu meio circundante – que, necessariamente, lhe impõe obrigações e normas de conduta - exercendo nele um papel imposto e esperado (Kierkegaard).

Schiller e o estado (*estético-*)moral

Etapa e fim último do sistema schilleriano, configura-se aqui um modo de existência Ideal (assim como seriam Ideais a pura igreja e a pura república, segundo o autor).

A Carta XXVII (não me ative à precedente por entender que nela Schiller ainda se detém e pormenoriza a questão da representação formal) tem início com uma espécie de recapitulação das proposições anteriormente apresentadas. Sua novidade reside no fato de que, agora, é estabelecida uma diferenciação quanto à natureza da contemplação diante da beleza. Na etapa anterior, o homem, liberto de seu estado de “crua natureza” pelo exercício da reflexão, torna a natureza objeto (no sentido de que se desprende dela) e deixa-se apreender pela contemplação. Mas uma contemplação diferente da que é apresentada aqui, uma vez que não se comporta de maneira *desinteressada*.

A novidade da Carta XXVII é justamente revelar que, agora, o homem se compraz na forma pelo que ela é, ou seja, *desinteressadamente*, e não por sua possível função puramente utilitária:

“Não satisfeito em acrescentar abundância estética à necessidade, o impulso lúdico³ mais livre desprende-se enfim por completo das amarras da privação, e o belo torna-se, por si

³ Como já foi dito, o propósito desta monografia é abordar um recorte específico dentro do sistema schilleriano de pensamento. O que quer dizer que mesmo assuntos muito emblemáticos e de grande significação dentro de A educação estética do homem, como, por exemplo, a explanação sobre os *impulsos*, não serão trabalhados.

mesmo, objeto de seu empenho. *Enfeita-se*. O prazer livre entra no rol de suas necessidades, e o desnecessário logo se torna a melhor parte de sua alegria”. (Carta XXVII, p. 142)

Este é o lugar do *jogo* que a beleza-em-si propicia podendo cumprir sua função unificadora de aprimoramento do sujeito e, portanto, da humanidade *dando liberdade através da liberdade*:

“Somente o gosto permite harmonia na sociedade, pois institui harmonia no indivíduo. Todas as outras formas de representação dividem o homem, pois fundam-se exclusivamente na parte sensível ou na parte espiritual; somente a representação bela faz dele um todo, porque suas duas naturezas têm de estar de acordo. Todas as outras formas de comunicação dividem a sociedade, pois relacionam-se exclusivamente com a receptividade ou com a habilidade privada de seus membros isolados e, portanto, com o que distingue o homem do homem; somente a bela comunicação unifica a sociedade, pois refere-se ao que é comum”. (p. 144)

De se notar que, para o pensador alemão, tal aprimoramento estético-moral é um processo em aberto: “Tão logo comece a preferir a forma à matéria e postergue a realidade em favor da aparência (que, contudo, tem de reconhecer como tal), seu círculo animal se abre, e ele se encontra numa via que não termina”. (p. 140)

Kierkegaard e o estágio religioso

“Tenho algo em minha consciência como um escritor. Deixe-me mostrar como me sinto sobre isso. Há algo absolutamente definido que tenho que dizer, e o tenho em minha consciência com tal intensidade que (da forma como sinto) não ousa morrer sem tê-lo proclamado. Porque no instante em que eu morrer e assim deixar este mundo (como o compreendo) eu estarei no mesmo exato momento (quão espantosamente rápido ocorrerá!), no exato momento estarei infinitamente distante, num lugar diferente, onde, ainda no mesmo segundo (que velocidade tremenda!), a questão será colocada para mim: ‘Você entregou a mensagem precisa exatamente como deveria fazer?’ E, se eu não o tiver feito, o que vai ser então?...” (apud MOUTINHO DOS SANTOS, in SOBRESKI, p. 3 de 6; fonte bibliográfica não fornecida)

Antes da conceituação deste último estágio, acredito que se faz necessária uma breve explicação daquilo que vem a ser “religião” no pensamento kierkegaardiano.

A igreja da Dinamarca era estatal e a religião oficial do Estado. Bastava nascer no país para ser automaticamente cristão. Kierkegaard alegava que isto reduzia a nada a possibilidade de uma verdadeira conversão radical a Cristo. O cristianismo deve

ter por fundamento a vontade livre, sem a qual tudo perde o sentido.

O pastor local, um verdadeiro funcionário público, representava a Coroa e por isso, além da prática de suas funções especificamente religiosas, também era quem coletava impostos, realizava os recenseamentos, fazia o recrutamento militar, mantinha os registros civis nos livros da igreja, supervisionava as escolas, e cuidava da assistência aos pobres, e era o presidente do Conselho Municipal, além de cuidar de seus próprios interesses, muitas vezes a maior fazenda das vizinhanças. As questões políticas e os rancores misturavam-se facilmente com os assuntos religiosos, gerando escândalos. (COBRA, primeira parte, p. 9 de 10)

A religião de Kierkegaard não era de modo algum a do senso comum tal como a entendemos, mas a religião do absurdo – absurdo motivado pela fé (que, mais que abstração subjugada à razão, era para ele um verdadeiro “modo de existir”) propulsora do “salto no escuro” para uma postura frente ao mundo de reflexão, renúncia e crença no absurdo de um Deus que é infinita distância e se comunica pelo silêncio⁴... - “O próprio Cristo, na cruz, não clamou aos céus em vão?” A fé seria, por isso, o caminho *seguro* para o caminho do paradoxo da vida legitimamente cristã.

É o estágio marcado pela manifestação mais profunda da subjetividade: a solidão - e esta acima de quaisquer ditames da razão ou da ética. Nas palavras de Kierkegaard: “Trata-se de ousar ser totalmente o que se é, um homem singular, este determinado homem individual; só diante de Deus, só nesse imenso esforço e com essa imensa responsabilidade”.

Palavras finais

Chegamos então às últimas deliberações quanto ao fechamento das linhas de pensamento em Schiller e Kierkegaard. Linhas de pensamento que são divergentes quanto ao *sabor*: Schiller, ainda que admita que seu *homem (humanidade) nobre* seja resultado de um conceito puramente Ideal, propõe, diante daquele que examinam sua doutrina, um “final feliz”. O fim último de A educação estética do homem é, por meio da liberdade do Belo, o gozo da felicidade (Ideal, mas felicidade!); Kierkegaard propõe um *fim* (que nem é exatamente um fim, mas mais um eterno devir tão ao gosto dos existencialistas depois dele) de instabilidade e solidão para o homem (tão poucos!) que queira mergulhar em sua própria interioridade diante de Deus (não o cristão, mas Aquele que é infinita distância e eterno silêncio...). O “fim da linha” em Kierkegaard não propugna felicidade, mas instabilidade. Não é de se estranhar que, tanto em sua época na Dinamarca quanto modernamente, sua proposta “filosófica” não seja lá muito popular...

⁴ “O autor Collin Brown compara o conceito de Deus de Kierkegaard comum à estória do Mágico de Oz, ou seja, não é tanto a sua existência o que imposta, mas o pensamento sobre a sua existência. Nesta estória, o homem de palha, o homem de latão e o leão covarde mudam o curso de suas vidas porque crêem no Mágico de Oz. Porém, no final, este mágico é na verdade um homem comum. Do mesmo modo, o pensamento a respeito de Deus o impulsionava para reagir, de certa forma, mais do que o encontro com o próprio Deus”. (sítio: <http://existencialismo.sites.uol.com.br/kierkegaard.htm>)

Schiller, ao longo de sua obra, fundamenta um claro sistema teórico de existência calcado na busca de um critério objetivo (critério objetivo de fundamentação da Beleza). Para Kierkegaard (o aluno do curso de Estética de Schelling que lera Fichte, Goethe e **Schiller!**) a realidade não pode (nem deve) ser explicada, mas vivida. Toda sua obra, na qual, aliás, está toda a sua vida (viveu o que escreveu, escrevia o que vivia), foi baseada em critérios puramente subjetivos.

Pode-se dizer sem erro que, tanto o alemão quanto o dinamarquês, “falham” no fim de suas propostas de existência. Schiller pelo peculiar idealismo, já que a humanidade, na prática, mui dificilmente vai chegar a ser o que ele preconiza:

“Não temais pela realidade e verdade, caso o alto conceito de aparência estética que expus na carta anterior devesse generalizar-se. Ele não se generalizará, enquanto o homem ainda for inculto o suficiente para poder fazer dele algum abuso; e se se generalizasse, isso só poderia se dar por meio de uma cultura que ao mesmo tempo tornaria impossível todo abuso. O empenho por uma aparência autônoma exige mais faculdade de abstração, mais liberdade de coração, mais energia da vontade do que aquela necessária ao homem para limitar-se à realidade, e precisa já ter deixado esta para trás, se quer alcançar aquela. Por isso, que mau conselho seguiria se decidisse trilhar o caminho do Ideal para poupar-se o da realidade!” (Carta XXVII)

Kierkegaard porque raríssimos serão os homens (se é que os haveria...) dispostos a fazer da realidade do estágio religioso – realidade de renúncia e solidão - a sua vivência, o seu modo de existir.

Projetos utópicos.

Mas grandiosos.

Referências bibliográficas

FRIEDRICH von SCHILLER

- KESTLER, Izabela Maria Furtado. “Friedrich Schiller e a fundação do cânone da modernidade”, In: Fórum Deutsch – Revista brasileira de estudos germânicos. Volume X, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras / UFRJ, pp. 88-125, 2006.
- SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. 3. ed., traduzido por Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo, Iluminuras, 1995.
- ANTHONIO E SILVA, Jorge. O fragmento e a síntese – A educação estética do homem. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.

SÖREN AABYE KIERKEGAARD

- KIERKEGAARD, Sören Aabye. Diário de um sedutor (traduzido por Carlos Grifo); Temor e tremor (traduzido por Maria José Marinho); O desespero humano (doença até à morte) (traduzido por Adolfo Casais Monteiro). Coleção *Os Pensadores*, São Paulo, Nova Cultural, 1974.

Sítios:

- AZEVEDO, Simone Vicente de. Programa Educacional Futuras Gerações – SOBRESKI. Sítio <http://www.futurasgeracoes.com.br>, 23/12/2002;
- COBRA, Rubem Queiroz – *Kierkegaard*. Página de “Filosofia Contemporânea”. Sítio www.cobra.nom.br, Internet, Brasília, 2001. (“Geocities.com/cobra_pages” é “Mirror Site” de COBRA.PAGES);
- SANTOS, Nilson Moutinho dos. “O ataque de Kierkegaard à igreja”. Programa Educacional Futuras Gerações – SOBRESKI. Sítio <http://www.futurasgeracoes.com.br>, 23/12/2002;
- sítio <http://existencialismo.sites.uol.com.br/kierkegaard.htm>;
- sítio <http://www.geocities.com/slprometheus/html/kierkeg.htm>.